

AS CONSTRUÇÕES “TER + PARTICÍPIO” E “ESTAR + GERÚNDIO” NA VEICULAÇÃO DO PERFECT UNIVERSAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: O PRINCÍPIO DA MARCAÇÃO

Nayana Pires da Silva Rodrigues

Doutoranda em Linguística na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

E-mail: nayanapires@letras.ufrj.br

Érica Silva Rebouças

Doutoranda em Linguística na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

E-mail: ericareboucas@letras.ufrj.br

RESUMO: O perfect universal, quando associado ao tempo presente, representa situações que se iniciam no passado e que persistem até o presente (MCCAWLEY, 1981). Este artigo apresenta resultados relativos ao princípio da marcação em relação às construções “ter + particípio” e “estar + gerúndio” em contextos

ABSTRACT: The universal perfect, when associated with the present tense, represents situations that begin in the past and persist until the present moment (MCCAWLEY, 1981). This article presents results related to the principle of marking in relation to the constructions “to have + participle” and “to be + gerund” in

de veiculação do perfect universal no português brasileiro (doravante PB). As hipóteses que nortearam este trabalho foram: (i) a construção “ter + particípio” é marcada no PB quando comparada ao “estar + gerúndio” e (ii) a construção “estar + gerúndio” é preferida apenas pelos mais jovens. Para tanto, analisamos ocorrências obtidas de entrevistas com falantes nativos do PB de dois programas da televisão: “Conversa com Bial” e “Roda Viva”. Esses participantes foram divididos em 3 grupos etários: grupo 1 (de 20 a 40 anos), grupo 2 (de 41 a 60 anos) e grupo 3 (de 61 anos em diante). Os resultados mostram que: o grupo 1 não produziu a morfologia “ter + particípio”; já nos grupos 2 e 3, verificamos uma variação entre as duas construções, contudo, ocorreu também uma restrição no uso da construção “ter + particípio” a uma leitura de iteratividade.

PALAVRAS-CHAVE: perífrases; português brasileiro; marcação linguística; perfect universal.

universal perfect contexts in Brazilian Portuguese (hereinafter BP). The hypotheses that guided this work were: (i) the construction "to have + participle" is the marked one in the BP when compared to "to be + gerund" and (ii) the construction "to be + gerund" is preferred only by younger people. To this end, we analyzed occurrences obtained from interviews with native speakers of BP from two television programs: ‘Conversa com Bial’ and ‘Roda Viva’. These participants were divided into 3 age groups: group 1 (20 to 40 years), group 2 (41 to 60 years) and group 3 (61 years onwards). The results show that: group 1 did not produce the morphology "to have + participle"; In groups 2 and 3, we found a variation between the two constructs studied, but there was a restriction on the use of the “to have + participle” construction to an iterativity reading.

KEYWORDS: periphrases; Brazilian Portuguese; linguistic marking, universal perfect.

INTRODUÇÃO

O aspecto, segundo Comrie (1976), refere-se às distintas maneiras que se pode observar a constituição temporal interna de uma situação. Ainda, para esse autor, o perfect seria o tipo de aspecto que relaciona uma situação presente a uma situação no passado.

Uma das classificações possíveis para o aspecto perfect é aquela proposta por McCawley (1981). Para ele, o perfect divide-se em dois tipos: o existencial (doravante PE) e o universal (doravante PU). Quando associados ao tempo presente, o PE refere-se a uma situação finalizada no passado, mas que possui efeitos no presente, enquanto o PU diz respeito a uma situação iniciada no passado e que persiste até o presente. Somente esse último será estudado neste trabalho.

No português brasileiro (doravante PB), o PU pode ser produzido através das construções “ter + particípio” e “estar + gerúndio” (JESUS *et al.*, 2017). Esse tipo de variação pode ser enquadrado no princípio da marcação, cujo um dos pressupostos é de que a estrutura marcada tende a ser usada menos frequentemente do que a estrutura não-marcada (GIVÓN, 2001).

Nesse sentido, Mendes (2005) realizou um estudo com um *corpus* de fala espontânea e apontou que a construção “ter + particípio” apareceu de forma mais restrita nas produções de fala espontânea analisadas pelo autor, constituindo uma mudança em curso, enquanto a construção “estar + gerúndio” apareceu de forma mais ampla na fala dos informantes mais jovens. Logo, podemos presumir que a construção “ter + particípio” representa a estrutura marcada e que a construção “estar + gerúndio” é a estrutura não-marcada em contextos de veiculação do PU.

De maneira geral, este trabalho procura contribuir para a compreensão de construções verbais no PB. Mais especificamente, temos como objetivo investigar a ocorrência do princípio de marcação durante o processo de veiculação de PU, associado ao tempo presente, nas produções orais de falantes nativos de PB. Para alcançar tal objetivo, analisamos produções de fala espontânea de falantes nativos do PB obtidas a partir de entrevistas de programas de televisão. Para essa análise, partimos das hipóteses de que: (i) a construção “ter + particípio” é a marcada no PB quando comparada a “estar + gerúndio” e (ii) a construção “estar + gerúndio” é preferida apenas pelos mais jovens.

Este artigo está dividido da seguinte forma: na primeira seção, tratamos dos pressupostos teóricos; na seção seguinte, abordamos a metodologia

adotada neste trabalho; na terceira seção, analisamos os resultados obtidos a partir da análise e; na última seção, fazemos algumas considerações finais sobre a realização das construções e sobre nossos passos futuros para continuidade desta pesquisa.

1. O ASPECTO PERFECT

O *perfect* é um aspecto que relaciona uma situação a um determinado ponto de referência (COMRIE, 1976). Mais especificamente, o perfect seria o aspecto que relaciona uma situação presente a uma situação no passado (COMRIE, 1976). Abaixo, temos um exemplo do aspecto perfect, em inglês.

(1) I **have lost** my penknife.¹

I	have	lost	my	penknife
PRO	ter.1SG.PRS	perder.PART	meu	canivete

‘Eu perdi meu canivete.’

No exemplo (1), temos a ideia de que o “canivete”, que foi perdido em algum momento no passado, permanece perdido até o momento presente.

O perfect pode ser classificado de diferentes formas. Para este trabalho, utilizaremos a proposta de McCawley (1981) que divide o perfect em dois tipos: o PE e o PU.

O PE representa situações que ocorreram no passado e que possuem repercussão no presente, como podemos ver no exemplo a seguir.

(2) I **have read** "Principia Mathematica" **five times**.

I	have	read	“Principia Mathematica”	five	times
PRO	ter.1SG.PRS	ler.PART	“Principia Mathematica”	cinco	vezes

‘Eu já li "Principia Mathematica" cinco vezes.’

O exemplo (2) indica que eu possuo a experiência de já ter lido o livro Principia Mathematica mais de uma vez.

Por outro lado, o PU representa situações que se iniciam no passado e que persistem até o presente, como podemos ver em (3) a seguir.

¹ O exemplo foi retirado de Comrie (1976: 52).

(3) **I've known since 1960.**²

I have known Max since 1960
PRO ter.1SG.PRS conhecer.PART Max desde 1960
'Eu conheço Max desde 1960.'

No exemplo (3), temos o fato de “ter conhecido Max no ano 1960” (no passado) e de continuarmos sendo conhecidos/amigos até o presente.

Este trabalho tem como objetivo estudar a variação na produção somente do PU no PB. Logo, o PE não será estudado nesta pesquisa³.

2. AS CONSTRUÇÕES "TER + PARTICÍPIO" E "ESTAR + GERÚNDIO"

Como vimos nos exemplos de (1) a (3), na seção anterior, o aspecto *perfect*, independentemente de sua classificação, é veiculado por meio da morfologia de passado composto no inglês⁴. No PB, temos uma variação morfológica para a veiculação do PU. Nessa língua, esse tipo de *perfect* pode ser veiculado através ou da morfologia de passado composto, da morfologia progressiva ou da morfologia de presente simples (JESUS *et al.*, 2017). Vejamos um exemplo dessa variação a seguir.

(4) Eu **tenho estudado/estou estudando/estudo** na UFRJ desde 2016.⁵

Jesus *et al.* (2017), ao analisarem entrevistas de programa de televisão, blogs e teste linguístico de preenchimento de lacuna, apontaram que só foi observado ocorrências com a construção de passado composto “ter + particípio” na modalidade escrita, com dados extraídos de blogs e em dados obtidos através de teste linguístico. Tais resultados apontam que há variação em relação à modalidade escrita e oral. Além disso, essas autoras também verificaram ocorrências com a forma de presente do indicativo, tanto na modalidade escrita, quanto na modalidade oral, e pressupõem que isso

² Os exemplos (2) e (3) foram retirados de McCawley (1981: 81).

³ Jesus *et al.* (2017) afirmam que, no PB, o PE só pode ser veiculado através da morfologia de pretérito perfeito. Logo, como não há variação morfológica para a veiculação desse tipo de *perfect* no PB, o PE não é estudado nesta pesquisa.

⁴ Apesar da morfologia de passado composto ser identificada como a morfologia canônica do *perfect* no inglês, trabalhos como os de Lopes (2016) e de Machado (2017, 2018) mostram que há variação na veiculação de ambos os tipos de *perfect* também nessa língua. No inglês britânico, temos, segundo Lopes (2016), o uso do passado composto e da perífrase “to be + gerúndio” para veicular o PU e o passado composto e o passado simples para veicular o PE. Já Machado (2017, 2018), em seus trabalhos somente sobre o PE no inglês americano, revela que tanto o passado composto quanto o passado simples podem veicular esse tipo de *perfect* nessa língua.

⁵ Exemplo elaborado pelas autoras.

ocorra porque essa forma é considerada neutra (JESUS *et al.*, 2017), podendo expressar outros tempos (como o futuro) e outros aspectos (como o imperfeito contínuo).

Apesar dos resultados de Jesus *et al.* (2017) não identificarem ocorrências da construção “ter + particípio” na modalidade oral, pretendemos também verificar, se a partir de novos dados, é possível que haja uma variação dessas construções em relação à modalidade oral em gênero textual de entrevista com a diferenciação em relação ao grau de formalidade e considerando diferentes faixas etárias. Sendo assim, neste trabalho, focamos somente na variação entre as construções “ter + particípio” (morfologia de passado composto) e “estar + gerúndio” (morfologia progressiva).

O PU pode veicular duas leituras: a de iteratividade e a de duratividade. Para Mendes (2005), ambas as leituras possuem uma configuração comum em que há um intervalo de tempo que se estende do passado para o presente, sem incluir o momento exato da enunciação. Entretanto, ainda segundo esse autor, a leitura de duratividade tem um caráter simbolicamente contínuo e a leitura de iteratividade se configura na intermitência do evento ou da ação.

Para autores como Ilari (2000), a construção “ter + particípio” é comumente usada para veicular a leitura de iteratividade, ou seja, essa seria a leitura prototípica dessa construção. Já a construção “estar + gerúndio” teria a função de veicular a leitura de duratividade, a qual seria sua leitura prototípica (CASTILHO, 2000). Portanto, não haveria uma variação dessas construções em contexto de veiculação de PU, uma vez que cada uma veicularia somente um dos tipos de leitura possível para esse aspecto. Mendes (2005), porém, encontrou ambas as construções veiculando tanto a leitura de iteratividade quanto a de duratividade. Exemplos desses tipos de produção são apresentados a seguir:

(5) Eu **tenho saído/tô saindo** muito pouco.

(6) Já faz tempo que ela **tem se dedicado/está se dedicando** ao balé.⁶

No exemplo (5), temos leitura de iteratividade, dado que “sair” é um evento que, como possui um final inerente, não pode ser estendido no tempo como um evento único. O oposto pode ser verificado no exemplo (6), em que “dedicar-se” é algo que não pode ser interrompido, sendo, portanto,

⁶ Os exemplos em (5) e (6) foram retirados de Mendes (2005: 38).

estendido no tempo⁷. Nesse exemplo, temos a leitura de duratividade. Logo, podemos afirmar que há uma variação no uso dessas duas construções para a veiculação do PU em ambas as leituras.

Desta forma, com este trabalho, pretendemos realizar uma comparação entre as construções de “ter + particípio” e “estar + gerúndio” verificando também se a proposta de Mendes (2005) ainda se encontra em vigor. Como observamos, a veiculação do PU sofre variação no PB. Entendemos como “variação”, formas diferentes que apresentam função correspondente, sendo, portanto, intercambiáveis entre si.

Uma das motivações que subjaz o uso da língua é o princípio da marcação. Tal princípio determina que as estruturas podem ser classificadas em marcadas e não-marcadas, dependendo, por exemplo, do contexto em que são utilizadas. Givón (1995) aponta que as estruturas marcadas tendem a ser utilizadas em situações comunicativas consideradas mais complexas, como na escrita formal, e as não-marcadas, em menos complexas, como na produção oral informal.

Devido à relevância do contexto para a preferência do uso de construções, neste trabalho, propomos analisar a fala de falantes nativos do PB em entrevistas de programas de televisão, em que um deles pode ser considerado de caráter formal, enquanto o outro pode ser considerado de caráter informal⁸.

Além das características contextuais, há outras que também podem identificar o tipo de marcação de uma construção. Givón (2001) propõe três critérios para a análise da marcação, a saber:

- a. Complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser mais complexa ou maior que a estrutura não-marcada correspondente;
- b. Complexidade cognitiva: a estrutura marcada tende a ser cognitivamente mais complexa do que a estrutura não-marcada correspondente;

⁷ As leituras verificadas nos exemplos (5) e (6) provavelmente foram ocasionadas pelos tipos de verbo encontrados nessas sentenças. Em (5), temos um verbo de *achievement*, o qual não possui duração e possui um ponto final inerente a ele (SMITH, 1997). Em (6), temos um verbo de estado, o que possui uma duração e não possui um final inerente a ele (SMITH, 1997). Mendes (2005) afirma que os verbos de *achievement* veiculam a leitura iterativa, enquanto os verbos de estado veiculam a leitura de duratividade. Os tipos de verbo não serão analisados nesta pesquisa e o que desejamos ressaltar neste ponto é que tanto a leitura de iteratividade quanto a leitura de duratividade podem ser veiculadas através das construções “ter + particípio” e “estar + gerúndio” no PB.

⁸ Na seção de metodologia, explicita-se de maneira mais detalhada os critérios estabelecidos para que tais programas fossem analisados a partir de tais perspectivas.

c. Distribuição de frequência: a estrutura marcada tende a ser menos frequente do que a estrutura não-marcada correspondente.

Com relação ao critério (a), verificamos que a estrutura do passado composto se constitui como uma estrutura mais complexa do que as perífrases progressivas. Isso parece ocorrer devido, principalmente, à formação das estruturas participiais e gerundivas. As formas participiais dos verbos se formam a partir de processos diferentes, a depender da conjugação e do tipo de forma que cada verbo pode formar (regular ou irregular)⁹. Já as formas gerundivas se formam de maneira similar para todos os verbos, independentemente da conjugação verbal.

Sobre o critério (b), verificamos que a morfologia de passado composto é cognitivamente mais complexa que a morfologia progressiva devido, sobretudo, às associações vinculadas a essas morfologias. O passado composto, que, como mencionado anteriormente, só é capaz de veicular o aspecto PU no PB, encontra-se diretamente associado a somente esse aspecto nessa língua. Givón (2001: 293) afirma que o aspecto *perfect* é “funcionalmente o aspecto gramatical mais complexo e sutil”, o que nos leva a conclusão de que o passado composto também seria considerado “complexo e sutil” cognitivamente no PB. Já em relação especificamente à perífrase “estar + gerúndio”, Cunha e Cintra (2001) afirmam que essa estende-se a todos os modos e tempos verbais, funcionando, desta forma, como uma morfologia neutra e facilitando, assim, o seu uso.

Mais especificamente se tratando do critério (c), destacamos o trabalho de Mendes (2005). Em seu trabalho, ele considerou a categoria de aspecto *perfect* para veiculação de formas alternantes, observando especificamente “estar (presente) + gerúndio” e “ter (presente) + participípio” na posição de variantes de uma variável. Seus resultados apontaram que o uso da estrutura “ter + participípio” está se tornando mais restrito, linguisticamente e socialmente, o que poderia ser descrito como uma mudança em curso. Além disso, “estar + gerúndio” se revela como a forma preferida pelos jovens. Logo, seguindo tais critérios, podemos definir a construção “ter + participípio” como sendo a marcada e a construção “estar + gerúndio” como a não-marcada em contexto de veiculação de PU no PB.

⁹ Para uma análise mais específica dessas formações, sugerimos revisar Lobato (1999).

3. METODOLOGIA

O objetivo deste trabalho é identificar a construção não-marcada de PU nas produções orais de falantes nativos do PB. Para atingirmos tal objetivo, realizamos uma análise de fala de contexto informal e formal de falantes nativos do PB, conforme explicitado nas subseções seguintes. Como desejamos verificar se a variação entre o uso das morfologias estudadas está sofrendo uma mudança, conforme previsto por Mendes (2005), utilizamos o critério (C) de Givón (2001) para a análise dos resultados.

Os dados foram extraídos dos programas de entrevista “Roda Viva”, do canal de televisão Cultura, e “Conversa com o Bial”, do canal de televisão Rede Globo, exibidos nos anos de 2018 e 2019. Utilizamos os dois programas de televisão com o objetivo de contrastar os contextos formal e informal, porque, como vimos na seção anterior, o tipo de contexto parece influenciar na escolha de construções variantes.

O programa “Roda Vida” é descrito pela TV Cultura como um programa de entrevistas. E o programa “Conversa com Bial” é descrito pela *GloboPlay* como um programa de *talk show* (comportamento). O primeiro é considerado, neste trabalho, como pertencente ao contexto formal e, o segundo, ao contexto informal.

O programa “Roda Viva” corresponde ao gênero entrevista televisiva. Rato (2009) destaca que esse gênero é considerado uma interação institucional, uma vez que tem como objetivo informar, formar e entreter o público (RATO, 2009: 57). Além disso, a partir desses objetivos, as entrevistas decorrem por meio de critérios bem definidos por uma autoridade televisiva, com papéis, conteúdo, estilo e estatuto social dos participantes pré-estabelecidos. (RATO, 2009: 57). A mesma autora também aponta a entrevista política como um exemplo clássico desse gênero uma vez que se tem tudo cuidadosamente planejado e controlado. Ademais, algumas variáveis são responsáveis pela escolha do léxico, tais como gênero, estatuto profissional e social dos convidados e idade (RATO, 2009: 149). Além disso, a autora ressalta o fato de o convidado participar de um programa em que o objetivo primordial é informar o público, portanto, espera-se que ele apresente um comportamento com mais seriedade e formalidade no discurso e no comportamento.

Silva e Alves (2020) destacam alguns fatores que parecem contribuir para que uma entrevista seja considerada formal, tais como: ser uma entrevista jornalística realizada com um especialista; apresentar um padrão que é seguido do início ao fim; ter maior organização das falas, respeitando, assim, os turnos de fala. Também são destacados alguns elementos extralinguísticos

que contribuem para que haja formalidade, tais como, a roupa dos interlocutores e o cenário.

Em relação ao gênero *talk show*, tipo de programa de entrevistas em que o programa “Conversa com Bial” se insere, Rato (2009) afirma que as entrevistas são baseadas em um conjunto de regras inerentes à entrevista televisiva, algumas das regras são: predefinição dos papéis dos participantes, do conteúdo, do estilo e da duração da interação. Porém, tal estilo normalmente transgride essas normas, o que resulta em uma ambivalência no que diz respeito às características do discurso televisivo, mas que ao mesmo tempo informa e entretém. Além disso, parece haver uma tendência para que o entretenimento assuma uma posição dominante nos talk shows televisivos (TOLSON, 1991 *apud* RATO, 2009: 58).

Hutchby e Wooffitt (*apud* RATO, 2009: 58) apontam que as entrevistas de *talk shows* podem ser consideradas pertencentes a um gênero aparentemente mais informal e flexível de entrevista televisiva. Rato (2009) evidencia que um conjunto de assuntos é selecionado por apresentadores podendo surgir de forma aleatória durante a entrevista. Além disso, os convidados podem apresentar algum controle sobre os temas que são abordados, uma vez que eles possuem liberdade para mencionar assuntos que não foram previamente apresentados pelos apresentadores.

Destaca-se que o convidado possui muito mais liberdade e pode, inclusive, falar de maneira continuada durante um longo período, por exemplo, sobre experiências pessoais, ilustrando com histórias (RATO, 2009). Além disso, alguns fatores contribuem para que haja um ambiente de descontração e um caráter de informalidade, como o cenário, o ritmo estabelecido durante as entrevistas e o fato de que, por vezes, o turno de fala não ser totalmente respeitado, gerando interrupções (RATO, 2009).

Sendo assim, neste trabalho, analisamos o programa “Conversa com Bial”, com seleção de entrevistas de famosos, a partir de uma perspectiva que o caracteriza como sendo de um contexto informal. Por outro lado, o programa “Roda Viva”, com seleção de entrevistas de políticos, foi analisado a partir de uma perspectiva que o caracteriza como sendo de um contexto formal.

3.1 Coleta de dados

Como destaca Pedrosa (2018), muitos pesquisadores têm buscado descartar em seus trabalhos gravações iniciais, para que possa ser conferido aos participantes mais naturalidade em suas falas. Acredita-se que haja uma

adaptação e que os entrevistados se acostumem ao fato de estarem sendo gravados, de modo que a espontaneidade é reforçada.

Assim, neste trabalho, buscando a obtenção de dados de fala espontânea, especialmente no que diz respeito às entrevistas do programa “Conversa com Bial”, optamos por selecionar 15 minutos, a partir da metade do tempo total, de cada entrevista, que possuía cerca de 1 hora. Esse padrão também foi seguido na análise do programa “Roda Viva”. Ao todo, foram utilizadas para análise um total de 12 entrevistas.

3.2 Participantes

A fim de se estabelecer um recorte no perfil dos participantes para o estudo das construções “ter + particípio” e “estar + gerúndio”, foram selecionados 12 entrevistados, 6 para cada contexto, formal e informal.

Todos os entrevistados selecionados do programa “Roda Viva” possuem ou já possuíram cargos políticos, sendo eles: Tábata Amaral (deputada), Manuela d’Ávila (ex-deputada), Ricardo Salles (ministro do Meio Ambiente), Flávio Dino (governador do estado do Maranhão), Michel Temer (ex-presidente do Brasil) e Tereza Cristina (ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento). Já os do programa “Conversa com Bial” são celebridades, sendo eles: Glória Groove (cantora/dubladora/atriz), Fábio Porchat (ator/roteirista), Carolina Dieckman (atriz), Pastor Pedrão (ex-participante do reality show Big Brother Brasil/pastor), Ana Maria Braga (apresentadora) e Toquinho (cantor/compositor).

Os entrevistados foram divididos em três grupos etários que mantinham uma variação de aproximadamente 20 anos. Essa divisão foi realizada dessa forma pois poderíamos colocar em prova a hipótese (ii) sugerida para este trabalho. Os entrevistados foram divididos da seguinte forma:

GRUPO ETÁRIO	GRUPO 1 (DE 20 A 40 ANOS)	GRUPO 2 (DE 41 A 60 ANOS)	GRUPO 3 (DE 60 ANOS EM DIANTE)
CONTEXTO FORMAL	Tábata Amaral (25 anos)	Ricardo Salles (44 anos)	Tereza Cristina (65 anos)
	Manuela d’Ávila (38 anos)	Flávio Dino (51 anos)	Michel Temer (79 anos)
CONTEXTO INFORMAL	Glória Groove (24 anos)	Carolina Dieckman (41 anos)	Ana Maria Braga (70 anos)
	Fábio Porchat (36 anos)	Pastor Pedrão (53 anos)	Toquinho (73 anos)

Quadro 1: Divisão dos entrevistados analisados entre os grupos etários.

3.3 Critérios de análise

Para a realização da análise proposta neste trabalho, selecionamos somente os dados de fala dos entrevistados, excluindo, dessa forma, a do(s) entrevistador(es). Essas falas foram eliminadas porque queríamos retirar toda influência na escolha morfológica na produção do entrevistado, visando, desta forma, obter uma fala mais espontânea possível.

Foram analisadas todas as realizações morfológicas de “ter + participio” e de “estar + gerúndio” utilizadas em contextos de veiculação de PU associado ao tempo presente.

4. RESULTADOS E ANÁLISES

Os resultados apontaram que o grupo 1 não produziu a construção “ter + participio”, somente a construção “estar + gerúndio” para veicular o PU. Vejamos alguns exemplos dessas produções a seguir:

(7) Gloria Gloove: ‘Pode se dizer que sim, né? **Estou trabalhando** desde os 9 anos, hoje tendo 24, né?’

(8) Tabata Amaral: ‘Na minha visão, essa polarização que a gente **está vendo** na política, ela também chegou na educação.’

No grupo 2, verificamos variação no uso das construções estudadas somente no contexto formal, no qual esperávamos a preferência pelo uso do “ter + participio”. No contexto informal, não houve produção dessa construção, havendo, somente produção da construção “estar + gerúndio” para a veiculação do PU. Vejamos os exemplos (9) e (10) retirados de entrevistas de contexto formal:

(9) Flávio Dino: ‘Durante algum tempo se acreditou que palavras, quando proferidas por autoridades se dissipam com o vento... Os fatos **estão mostrando** que as palavras têm poder e têm materialidade.’

(10) Ricardo Salles: ‘[...] mas o fato é que há sim uma pressão continuada como **tenho dito** de 2012 pra cá olhando o gráfico sobre a questão do desmatamento.’

No grupo 3, também verificamos uma variação no uso das construções estudadas. Ao contrário do que ocorreu no grupo 2, não parece ter sido motivada pelo contexto, uma vez que nos dois contextos analisados, formal e informal, foram encontradas tais realizações. Vejamos o exemplo (11)

retirado de uma entrevista de contexto formal e o exemplo (12) retirado de uma entrevista de contexto informal.

(11) Tereza Cristina: ‘Então o que **está acontecendo** hoje é a liberação, não se mudou nada, a lei é a mesma.’

(12) Ana Maria Braga: ‘[...] E isso **tem mudado** a vida de um monte de gente.’

A seguir, temos um gráfico que mostra a quantidade das produções de “ter + participio” e “estar + gerúndio” por grupo etário. Nessa análise específica, não levamos em consideração a diferença entre os contextos formal e informal. Dessa forma, com o gráfico, procuramos apontar especificamente a diferença quantitativa das construções analisadas neste trabalho.

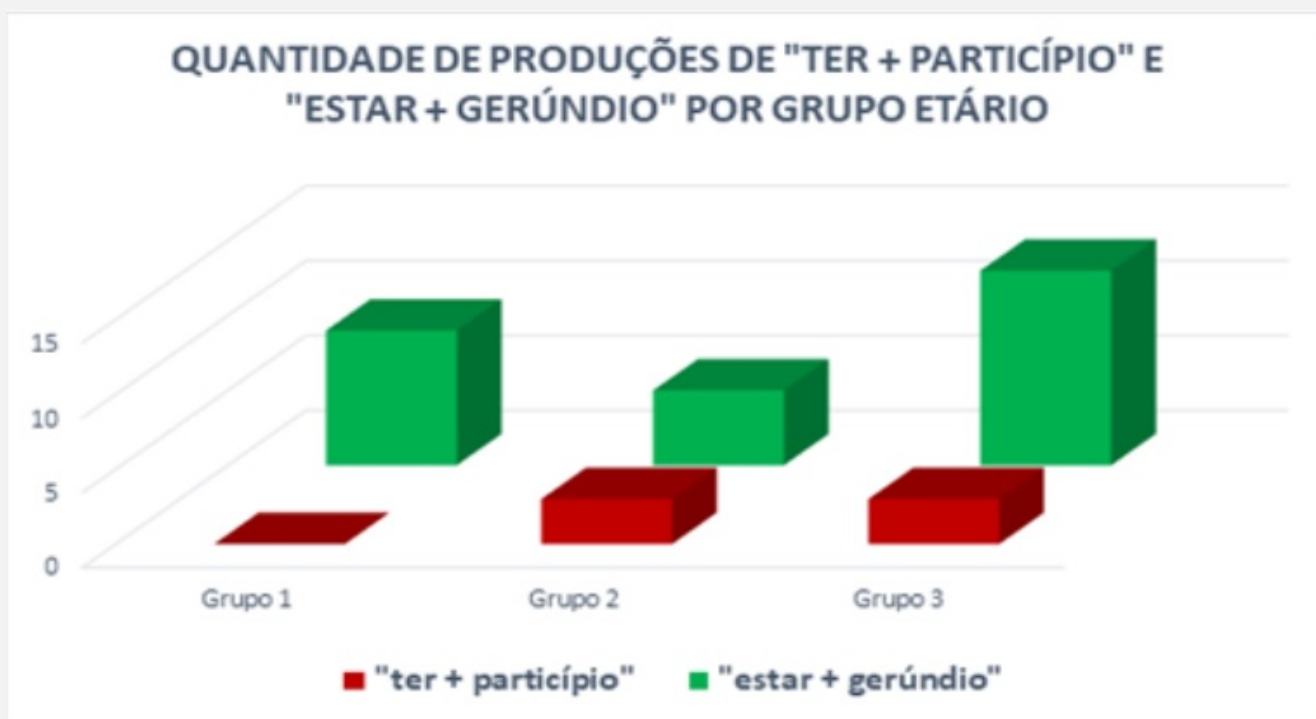


Gráfico 1: Quantidade de produções de “ter + participio” e “estar + gerúndio” veiculando PU por grupo etário.

No grupo 1, foram produzidas 8 sentenças veiculadoras de PU, sendo todas por meio da construção “estar + gerúndio”. No grupo 2, foram produzidas 8 sentenças veiculadoras de PU, sendo 3 com a construção “ter + participio” e 5 com a “estar + gerúndio”. Por fim, no grupo 3, foram produzidas 16 sentenças veiculadoras de PU, sendo 3 formadas por “ter + participio” e 13 por “estar + gerúndio”.

Nos dados analisados, verificamos também uma variação feita por um mesmo falante. Ela foi encontrada nos dados de 2 entrevistados do grupo 2 e 1 do grupo 3. A seguir, temos exemplos dessa variação intrafalante realizada por Michel Temer.

(13) Michel Temer: ‘[...] **está havendo** um trabalho permanente, houve no meu governo e há neste momento por várias vezes, um trabalho em favor dos direitos sociais.’

(14) Michel Temer: ‘[...] eu sustentava a necessidade inafastável de pacificar o país, quando eu digo pacificar o país, dizia e digo agora em várias entrevistas que **tenho dado**.’

No exemplo (13), temos PU com leitura durativa, visto que situação de “haver” pode ser estendida e não tem um ponto final inerente. No exemplo (14), ocorre o PU com leitura iterativa, uma vez que situação de “dar” não pode ser realizado de forma ininterrupta (ela precisa acabar e recomeçar).

A seguir, temos dois quadros que mostram a quantidade das produções de “ter + particípio” e “estar + gerúndio” associadas aos tipos de leituras do PU. Das 6 produções da construção “ter + particípio”, todas tinham a leitura de iteratividade, conforme verificamos no quadro (2) abaixo:

	TER + PARTICÍPIO		Total
	Leitura de duratividade	Leitura de iteratividade	
Grupo 2	0	3	3
Grupo 3	0	3	3

Quadro 2: Uso da construção “ter + particípio” associada aos tipos de leitura do PU.

	ESTAR + GERÚNDIO		Total
	Leitura de duratividade	Leitura de iteratividade	
Grupo 1	4	4	8
Grupo 2	3	2	5
Grupo 3	3	10	13

Quadro 3: Uso das construções “estar + gerúndio” associada aos tipos de leitura do PU.

Apesar de Mendes (2005) ter encontrado em seu trabalho a construção “ter + particípio” associada a leituras de iteratividade e duratividade, nesta pesquisa só foram verificadas produções de “ter + particípio” associadas à leitura de iteratividade. Como já foi mencionada na seção de pressupostos teóricos deste trabalho, essa é a leitura prototípica dessa construção (ILARI, 2000). Também encontramos a construção “estar + gerúndio” associada à leitura de iteratividade, inclusive no grupo 1, no qual não temos produção de “ter + particípio”.

Portanto, ainda que tenhamos poucas realizações de tais construções, a partir dos dados obtidos nesta pesquisa, podemos contribuir com a questão da marcação a partir da proposição de que parece só haver variação entre as construções “ter + particípio” e “estar + gerúndio” nos dados de falantes pertencentes ao grupo 3, ou seja, os mais idosos, quando o PU veicula a leitura de iteratividade. Além disso, diante de tal variação de uso, a estrutura “estar + gerúndio” se mostra como sendo a preferida perante a outra.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo investigar a construção não-marcada para a veiculação de PU, associado ao tempo presente, nas produções orais de falantes nativos de PB. As hipóteses que o nortearam foram: (i) a forma “ter + particípio” é a marcada no PB quando comparada ao “estar + gerúndio” e (ii) a forma “estar + gerúndio” é preferida apenas pelos mais jovens.

Como verificamos, o grupo 1 (o dos mais jovens) não produziu sentenças veiculadoras de PU com a construção “ter + particípio”, mas somente com a construção “estar + gerúndio”, tanto na veiculação da leitura de iteratividade quanto na veiculação da leitura de duratividade. Além disso, encontramos variação entre as duas estruturas somente nos grupos 2 e 3, as quais não foram motivadas pelo contexto (formal e informal).

Neste trabalho também encontramos presença de variação realizadas por um mesmo falante. Nos dados coletados nesta pesquisa, a construção “ter + particípio” só apresentou leitura de iteratividade que é a considerada prototípica. Apesar disso, nos dados obtidos pelos mesmos falantes que realizaram tal construção, também foi verificado a forma “estar + gerúndio” veiculando a mesma leitura (iteratividade). Por consequência, propomos que só há variação (quando há) entre essas duas estruturas para a veiculação de PU quando ocorre a leitura de iteratividade porque, somente nesse caso, essas construções podem ser intercambiáveis.

Logo, a partir da análise dos dados encontrados nesta pesquisa, podemos afirmar que a hipótese (i) não foi refutada, pois a construção “estar + gerúndio” é de fato a não-marcada quando comparada ao “ter + particípio” em grupos em que ainda há variação, dado que essa construção foi a mais utilizada pelos falantes dos grupos 2 e 3 para veicular a leitura iterativa. Entretanto, a hipótese (ii) foi refutada pois a construção “estar + gerúndio” foi preferida por todos os grupos analisados para veicular a leitura de iteratividade.

Com a pesquisa proposta neste trabalho foi possível contribuir para a compreensão das construções verbais “ter + particípio” e “estar + gerúndio” e sua preferência de uso. Contudo, para obter dados mais relevantes e conclusivos, pretendemos aumentar o escopo de análise, ampliando o número de entrevistas e de programas de televisão, além de analisar também *corpus* de fala espontânea.

REFERÊNCIAS

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Problemas do Aspecto Verbal no Português. In: GARTNER, E., HUNDT, C.; SHONBERGER, A. (eds.) *Estudos de Gramática Portuguesa*. vol.3. Frankfurt am Main: TFM, pp. 17-46, 2000.

COMRIE, Bernard. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

DA SILVA, Paulo Dhonathan Lima; ALVES, Luiz Eleildo Pereira. Uma análise do gênero oral entrevista no livro didático de língua portuguesa. *Macabéa – Revista Eletrônica do Netli*, v. 9, n.4, p. 272-291, 2020.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1995.

GIVÓN, Talmy. The functional approach to language and the typological approach to grammar. In: GIVÓN, T. *Syntax*. v.1. Amsterdam: John Benjamins, p. 1-42, 2001.

ILARI, Rodolfo. Notas para uma semântica do passado composto em português. *Actas do Congresso Internacional organizado por motivo dos 20 anos do*

português no ensino superior. Departamento de Língua e Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade Eötvös Lóránd, Budapeste, p. 224-247, 2000.

JESUS, Júlia Lourenço de; et al. O aspecto perfect no português do Brasil. *Travessias Interativa*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 511- 526, jul.-dez. 2017.

LOBATO, Lucia. Sobre a Forma do Particípio do Português e o Estatuto dos Traços Formais. *DELTA*, São Paulo. v.15 n.1 fev./jul. 1999.

LOPES, Thais Lima. *A realização morfológica do aspecto perfect no português do Brasil e no inglês britânico: uma análise comparativa*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras. 2016.

MACHADO, Fernanda Costa da Silva. *O aspecto perfect no inglês americano: uma análise do tipo aspectual*. IV SIAC, UFRJ, 2017.

MACHADO, Fernanda Costa da Silva. *Uma análise das realizações morfossintáticas do aspecto perfect no inglês americano*. IV SIAC, UFRJ, 2018.

MCCAWLEY, James D. *Everything that linguists have always wanted to know about logic*. Chicago: The University of Chicago Press, 1981.

MENDES, Ronald Beline. *Estar + gerúndio e ter + particípio aspecto verbal e variação no português*. 2005. 189f. Teses (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2005.

PEDROSA, Alessia Pontes Moraes. *Marcas conversacionais no gênero midiático entrevista televisiva*. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Faculdade de Letras. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

RATO, Anabela Alves dos Santos. *Interação conversacional no talk show televisivo: institucionalidade e gênero nas entrevistas de Late Night with Conan O'Brien e The Tonight Show with Jay Leno*. 2009. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Inglesas). Instituto de Letras e Ciências Humanas. Universidade do Minho, Braga, 2009.

SMITH, Carlota S. *The Parameter of Aspect*. Dordrecht: Kluwer, 1997.

Submetido em: 16/02/2021

Aceito em: 19/03/2021